
MANÉ PIABA: REPRESENTAÇÃO DE UM SETANEJO NA OBRA DE FRANCISCO DANTAS

Aldair Smith Menezes

RESUMO

Este artigo tem como objeto de estudo revelar a valorização do sertanejo na obra literária do escritor Francisco José Costa Dantas, no livro *Cartilha do Silêncio*. Obra que possibilita identificar a sensibilidade de um observador voltado às características socioculturais do universo agrário. Ele revela em sua escrita vícios, artimanhas e vicissitudes, de um personagem de tipo comum, mas que externaliza uma gama de valores e atitudes que possibilita ao leitor uma viagem por um mundo de significações e ressignificações sertanejas.

INTRODUÇÃO

Remígio conhece bem as táticas de Mané Piaba. Compreende a sua natureza suspeitosa, as idas e vindas eivadas de insegurança, manifestadas na mais estúpida submissão. Na vista do patrão, está de acordo com tudo, descombina o que sente com o que fala. Deve guardar muito despeito, ressentimento, por não poder rebater as injustiças de modo firme e declarado (DANTAS, 1997, p. 235).

A cena em voga revela os pensamentos de Remígio – dono da fazenda – em relação a um de seus empregados Mané Piaba. Fazendo remissão à imagem do sertanejo que é convencionalmente associada à ideia de acanhamento, de ingenuidade e de alguém que é simplório: tipificado no estereótipo do “Jeca-tatu”, consagrado na obra de Monteiro Lobato. Entretanto, outros autores de nossa literatura, embora resgatem a imagem ingênua e por vezes acanhada desse homem, percebem nele uma sagacidade e engenhosidade singulares, ao pensar em Guimarães Rosa ao escrever *Grandes Sertões Veredas*, ou de modo mais particular nas irreverentes e nacionalistas obras de Ariano Suassuna. É notório que, mesmo em campos diferentes, esses autores apresentem imagens distintas de sertanejo.

No caso em destaque, tem-se um sertanejo que é visto como alguém que consegue separar os sentimentos da razão, pois ele “descombina o que sente com o que fala”, na medida em que por conhecer muito bem a situação em que se encontra, situação desvantajosa pode-se dizer, estabelece uma relação de submissão com os donos da fazenda.

Muito do imaginário do homem e da mulher do campo presente na literatura pode trazer ideias conservadoras e estigmatizadas, desqualificando os seus conhecimentos, suas práticas e reforçando assimetrias nas relações de poder, mas também, há produções literárias que destacam tradições, saberes populares, valores sociais, fundamentais para a vida camponesa, principalmente para renovar valores de uma vida social que resistem aos modelos de exploração capitalista do trabalho, da terra, entre outros.

No caso em apreço, é mostrado um homem aparentemente submisso. Aparentemente porque descortina toda a gama de revolta existente em seu interior por não poder lidar de igual para igual com os donos da terra onde trabalha. Nem mesmo com Remígio menino que viu nascer, acompanhou seu crescimento e que agora virou seu patrão. Não se pode esquecer de que a obra de arte trabalha com a verossimilhança. Tais situações podem ou não ter ocorrido. Mas que elas ajudam a compor todo um campo de representações sociais é inquestionável. A imagem do sertanejo necessita ser valorizada para que possa proporcionar principalmente a população que vive no campo, uma alta autoestima.

Hoje, reconstruir a realidade, criar novas definições, novos paradigmas passou a ser fundamental para suprir a necessidade do novo, da mudança para atender a demanda vigente. É o caso dos camponeses que resistem à sua saída do campo. Neste momento, as representações sociais precisam ser repensadas, ter sua definição ampliada, visando atender de forma mais satisfatória as demandas vindas dessa sociedade globalizada. Sociedade na qual o espaço local precisa ser respeitado. As Diretrizes Operacionais da Educação Básica do Campo (CNE, 2001) remetem à necessidade de resgate dos valores de homens e mulheres do campo e analisa no seu escopo todo o processo de marginalização pelo qual passaram esses sujeitos. A visão do atrasado, do improdutivo, criou um imaginário social que submeteu o

campo e os seus sujeitos a uma lógica produtivista. Nesta mesma proporção, há inúmeras interpretações utilizadas pela literatura regionalista. Mas o campo tem mostrado sua força e sua resistência e os seus sujeitos têm cada vez mais lutado para serem reconhecidos como sujeitos de direitos, de valores, de conhecimentos e saberes capazes de reinventar novas relações sociais a partir do território onde vivem e trabalham. Nesse sentido mostrar como a literatura regional talha seus personagens é de fundamental importância nessa nova etapa de reconstrução social.

CRIADOR E CRIATURA

Ao trabalhar personagens talhados em suas memórias, Francisco José Costa Dantas traz o falar típico do agreste e sertão da região Nordeste. Autor de obras como “Cartilha do Silêncio” nasceu no engenho de seu avô, no interior do Estado de Sergipe, em 1941. Fato que possibilitou um contato mais íntimo com estes falares. Pode-se dizer que isso possibilitou uma identificação, uma identidade própria junto àqueles que têm o sentimento de pertencimento a um determinado lugar. Estes falares remontam aspectos característicos dos moradores de cidades do interior sergipano. Região que o escritor conhece como ninguém.

O resgate de costumes muitas vezes esquecidos aproxima as relações entre escritor e público. Muito mais por ter se tornado uma espécie de porta-voz do que por ter se colocado como representação pura e simples de algo há muito relegado (cf. GINZBURG, 1987). Então, o público se aproxima e se apropria desses textos para rememorar e salvaguardar tais representações.

Francisco Dantas, em particular, utiliza a oralidade para mergulhar no regionalismo de Sergipe. As transformações sofridas durante as décadas em que o romance se passa são acompanhadas de mudanças no conteúdo da obra. São transformações no cotidiano que retratam, em certa medida, as modificações da estrutura social. Acontecimentos que influenciam na formação do imaginário sobre o sertanejo.

Em “Cartilha do Silêncio”, Dantas percebe quão marcante é a relação entre as diferentes classes sociais. Além de entender que a educação formal foi restrita a poucos. E que isso nada mais era do que a separação entre os que mandavam e os que obedeciam. Outro exemplo é dado ao revelar o costume de comer carne. Costume que Mané Piaba teimava em quebrar: “Enquanto tatu e peba fuçassem de noite, veado corresse de dia e caça de pena avoasse; enquanto houvesse terras e aguadas, matos e locas, tanques e riachos – ele, Mané Piaba, não houvera de comer sem uma misturinha de algum bicho de fôlego.” (DANTAS, 1997, p. 209) Algo incomum àquela região do Estado, que a época, o hábito de comer carne não era dado aos mais humildes. Nessa passagem vê-se a necessidade de manter os mesmos hábitos que os patrões, façanha que o dinheiro ganho com a labuta não possibilitava.

Francisco Dantas, apesar de sua origem aristocrata, mostra-nos uma visão sobre a astúcia do sertanejo. Visão essa que se encontra embasada em relatos de fatos reais e imaginários que juntos ajudam a tecer o perfil de um personagem singular. E ajuda a construir um texto criativo, expressivo e forte. Texto este que contribui para mostrar um pouco da estrutura social e identitária do sertanejo em Sergipe. Estrutura que dá vida ao enfoque cotidiano da região nordeste sob a ótica literária.

Vida essa que expressa muito bem a ideia de circularidade da cultura. Bakhtin (2004) ao teorizar sobre o relacionamento entre a linguagem e a ideologia, revela como esta influencia diretamente aquela. Na medida em que é através das lutas sociais, desse contato homem pobre homem rico, que as mudanças ocorrem na dinâmica da língua. Por isso, todo o corpo social é responsável por essas modificações. E é exatamente do embate entre ideologias que a relação de dominação acontece. Ao elaborar sua teoria Bakhtin questiona constantemente esta relação que aparentemente não existe. Para ele as pesquisas na área da linguística devem ter como “objeto verdadeiro (...) a interação dinâmica dessas duas dimensões, o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo. (...) Essa dinâmica por sua vez reflete a dinâmica da inter-relação social dos indivíduos na comunicação ideológica verbal” (BAKHTIN, 2004, p. 148). Essa compreensão é fundamental para o

estabelecimento de currículos que possibilitem as interações. No caso da obra “Cartilha do Silêncio”, a relação do social com a personagem Mané Piaba não foge a regra.

A IDENTIDADE DO CAMPO

A identidade com o campo passou a ser a negação da modernidade. E o moderno entendido como cidade. Há muito tempo criou-se no imaginário social a não junção de campo com modernidade. A necessidade de afirmação da cidade sobre o campo provocou uma separação que na prática não existe. Visto que as “duas culturas” se inter-relacionam o tempo todo. Não há como conceber uma sem a outra. Ou como torna uma independente da outra. Elas coexistem, sem representar oposição, mas complementação. Segundo Stuart Hall, a modernidade vem “... deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referências que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (2001, p. 7). Diante do exposto a valorização do campo e de seus diversos sujeitos, tipos singulares, ganha importância estruturante socialmente.

No que concerne ao problema das identidades modernas a grande questão suscitada por Hall é como a construção destas identidades nacionais proporciona a centralidade do sujeito moderno. Sobretudo no que se refere aos princípios de conotação mais universais dos sujeitos modernos, ou seja, a luta por justiça e liberdade. No que se refere à crise destas identidades, na atualidade, ela possui um duplo efeito, não apenas desconcentra a ideia de uma identidade cultural, centralizada na ideia do sujeito moderno, fragilizando as referências sociais e culturais das sociedades modernas; como também gera uma “crise de identidade” nos indivíduos.

Para Hall, as inconstantes mudanças por que vem passando a sociedade moderna têm potencializado as argumentações de que as “... velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno” (2001, p. 7). Este processo estaria gerando na modernidade uma “crise de identidade”, uma vez que o sujeito moderno estaria se pluralizando através de novas identidades culturais. Esta questão tem colocado em

destaque, no campo da teoria social, o problema das identidades culturais na modernidade. Nesse caso, analisando o contexto da obra, será que Mané Piaba é uma identidade velha? Ou será que é ele quem irá fazer o elo na passagem entre as gerações da família Barroso?

Com relação aos teóricos que postulam o colapso das identidades modernas o argumento recorrente está pautado nas diferentes mudanças estruturais por que vêm passando as sociedades no final do século XX. Este turbilhão de mudanças tem dissolvido, inclusive, as então sedimentadas identidades modernas/nacionais. A dinâmica da modernidade tem dissolvido as referências culturais da modernidade, e as fragmentando a partir das multiplicidades culturais relacionadas à classe, gênero, sexualidade, etnia, raça, idade e nacionalidades anteriormente reprimidas. Tem ocorrido, portanto, uma maior diversidade de identidades o que dificulta a manutenção das identidades modernas e, conseqüentemente da unidade que ela proporcionava ao homem moderno.

No caso do sertanejo a apreensão de uma imagem forte, perspicaz e atuante possibilitará a valorização de suas origens ao tempo em que reforçarão nele a elevação da autoestima. Por isso, impõe-se a necessidade de se revelar textos cujo conteúdo tragam valores tanto da cultura do camponês como do dono da terra, de se valorizar tanto um quanto o outro, de mostrar como a identidade social interfere em cada um ao passo que cada um interfere no social.

CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE

Conceber que a identidade passa pelo processo de diferença é, antes de qualquer outra coisa, perceber que cada sujeito é único, e por ser único necessita de diferentes métodos e de diferentes referenciais. É ir além e perceber que a sociedade assume o papel mais importante nesse processo de construção. Cada elemento constitui um elo da cadeia. A literatura, enquanto fonte de pesquisa, tem a peculiaridade, em particular, de expressar detalhes socioculturais da época em que foi produzida, trazendo em si referenciais do pensamento social. Caldart e Kolling (2001) revelam que só a consciência de si e a valorização dessa consciência é que possibilitará a efetivação do estudo com a aprendizagem.

A obra de Francisco Dantas, um escritor que revela um imaginário social sobre o homem do campo ao mesmo tempo simples e enriquecedor, mostra um cotidiano repleto de cenas e tradições que seduzem o leitor a não apenas gostar do que está lendo, como também valorizar os detalhes cotidianos, a linguagem tosca mais rica de significantes. Questões importantes perpassam a obra “Cartilha do Silêncio”, entre elas pode-se citar como características marcantes das personagens, o amor, a tristeza e a dor.

A forma como a literatura revela esse imaginário social é ao mesmo tempo uma fonte valiosa de estudo e um instrumento de ensino acerca das identidades culturais atribuídas, no caso, ao homem do campo. Neste aspecto a leitura da obra de Francisco Dantas possibilita encontrar elementos que auxiliam na construção do imaginário social sobre o universo rural, deixando aflorar posições e estereótipos em relação a estruturas sociais de poder, ao imaginário popular e a condição dos homens e mulheres no campo.

Esses significantes descortinam um jogo de identidades. Eles revelam lembranças, experiências vividas e selecionadas no imaginário de um literato que, a partir de suas memórias, expressa o seu modo de perceber a realidade social que vive.

SEU MANÉ PIABA

A interpretação estética e a estruturação do corpo exterior e seu mundo são uma *dádiva* de outra consciência – da consciência do autor-contemplador à personagem; não é uma expressão desta de dentro de si mesma mas uma atitude criadora do autor-outro para com ela. (BAKHTIN, 2003, p. 91).

Na história de Maná Piaba – homem simples de caráter forte e valores firmes – tem-se a visão de um homem que sabe quais são suas reais possibilidades e tem plena dimensão de seu papel na fazenda em que trabalha. Ele gosta de se vangloriar ao tempo em que se auto-valoriza. Não questiona muito, ou melhor, quase nunca. Pois sua situação não lhe permite ser tão independente. Valesse da memória que, em muitos aspectos fantasia mais do que retrata a verdade, é sua principal fonte de barganha, de poder.

É um personagem que vive as três dinastias da família de Romeu Barroso. Quando criança e adolescente vivia na fazenda do Major Romeu Barroso. Sua Relação com Cassiano Barroso, filho de Romeu e Dona Senhora, ocorreu efetivamente em dois períodos: na infância até início da adolescência de Barrosinho, e já na vida adulta. Com Remígio, seu último patrão, praticamente Mané Piaba o pegou no colo. Foi na infância de Remígio que se tornaram grande amigos. Mas como diz o próprio Mané Piaba:

De forma que, somente no pagamento apertado, é que Remígio emenda com seu Cassiano. A pessoa mesmo boa em pequena, virou patrão, neste ponto não presta mais, degenera. Não há nenhum amo favorecedor! No resto não cabe queixa.” (DANTAS, 1997. p. 251)

Mané Piaba reconhece uma relação boa com Remígio ao tempo em que percebe que seu lugar de empregado não poderá ser substituído pelo de amigo. Esta relação é recíproca, mas Remígio entende as mágoas de Mané Piaba. No entanto, não consegue conceber outro tipo de relação de poder. Para ele Patrão é patrão e empregado a qualquer tempo e em qualquer situação precisa respeitar tal premissa.

O estudo do discurso literário nas obras de Francisco J. C. Dantas em relação ao homem do campo, na perspectiva do reconhecimento social representa uma possibilidade de valorização dos atores sociais envolvidos nesta formação: campo, sujeito, educação e organização social. Essa construção a respeito da identidade sociocultural do homem do campo é pautada em estruturas textuais e expressões orais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, Col. Biblioteca Universal.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

CALDART, Roseli Salete e KOLLING, Edgar Jorge (Orgs.). **Paulo Freire: um educador do povo**, 2ª ed. ITERRA. 2001.

DANTAS, Francisco J. C. **Cartilha do Silêncio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Diretrizes Operacionais da Educação Básica do Campo (CNE, 2001).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro; 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.1987.